

## Noção Comum e Redes Rizomáticas

**Autores:** Azevedo, BMS; Carvalho, SR; Benet, M; Pla, M; de San Pedro, M; Serra, E.

**Instituição:** Universidade Estadual de Campinas (Brasil); Universitat de Vic-UCC

**Autor que recibe la correspondencia:** Bruno Mariani de Souza Azevedo

[marianiazevedo@gmail.com](mailto:marianiazevedo@gmail.com)

**Teléfono:** +34 608235793

**Dirección:** Loreto 1-3, 1º-1ª. 08029 Barcelona.

Quando nos colocam as perguntas: “Quais as necessidades da cidadania em relação à Saúde e que papel ela tem nas decisões das políticas de Saúde ou de atenção individual? Que modelos de organização são necessários?” O que nos irrompe é a necessidade de uma aposta radical na construção coletiva, na democracia institucional (e na democracia direta), uma em que possamos entender a cogestão não como um espaço de um arranjo gerencial, mas como um certo modo aplicado de gestão.

Assim, o nosso campo de pesquisa está focado na ação coletiva produzida nos encontros da rede de trabalho em saúde. Estamos escapando de uma dicotomia entre a dimensão coletiva e a individual para retomar a organização do trabalho interessada em tornar visíveis modos efetivos de fazer comunidade, focando o fortalecimento de redes de vida, de redes sociais.

Apostamos que esse movimento de produzir, com o coletivo, processos de escuta, análise, construção de textos coletivos, definição de tarefas e avaliação resulta em mudanças nas formas de gerir, em exigências sobre condições de trabalho e de gestão, no aumento da capacidade de manejo de casos complexos e em construção sistêmica da rede de atenção à saúde. Consideramos que o agenciamento, as tensões, os conflitos, os acordos e os consensos produzidos a partir desses encontros poderão agir para melhoria da qualidade da produção de saúde dos serviços de saúde individualmente e de sua composição enquanto rede.

Não queremos tratar o termo “rede”, aqui, como mais um jargão banalizado. Assim, que vamos realizar uma investigação teórica que se desenrolará a partir de revisões bibliográficas e relações com o campo da filosofia procurando entender e reconstruir esse termo relacionando com a ideia de produção de comum.

As noções comuns são ideias práticas, relacionadas a nossa própria potência visto que a formação destas advém de um *afeto* de alegria que nos *afecta* (aumenta nossa potência de ação). Assim, elas têm a ideia daquilo que convém aos corpos, tomam por objeto relações de composição entre corpos existentes. A ideia de uma composição deixa claro que é uma relação, não se reduz à essência de um nem de outro, nem à essência de um todo, ela abarca a própria multiplicidade das

singularidades, as quais se constituem, inclusive, na própria relação. Tratar-se-ia de saber se relações (e quais?) podem se compor diretamente para formar uma nova relação mais "extensa", ou uma potência mais "intensa". Não se trata mais das utilizações ou das capturas, mas das sociabilidades e comunidades. Um corpo busca produzir comum com o que o cerca, afirmação da potência e da finitude. A ideia da composição é um problema posto à vida, é um jogo vital cuja única regra imanente é buscar compor corpos mais potentes que perseverem na existência.

Tais questões passam pelas produções de variações nos arranjos instituídos de modo a ampliar o grau de conexão entre rede de serviços de saúde e territórios existenciais e assim ampliar a porosidade dos serviços para a potência inventiva. Então nesse sentido, produzir comunidade se relaciona a possibilidade de se produzir esse corpo que, em não sabendo dos afetos de que é capaz, terá que saber quais são as relações que o compõe na direção de uma "potência mais intensa", de tal forma que o comum dá-se em um constante construir-se, engendrar-se. Nesse movimento de construção permanente interessa-nos a imagem da espiral (de Negri/Hardt) em que a subjetividade é produzida através da cooperação e da comunicação e esta subjetividade produzida leva ela própria a novas formas de cooperação e de comunicação, que produzem de novo subjetividade, e assim por diante. Cada momento dessa cadeia é uma inovação que tem por resultado uma realidade mais rica. Neste processo, talvez, devemos reconhecer a formação do corpo da multidão, uma espécie nova de corpo, um corpo comum, um corpo democrático.

O encontro entre mundos diferentes e as conexões entre estes corpos (de usuário, de profissional, de gestor de saúde) são encontros singulares que dão sustentação à constituição de redes, que operam enquanto rizomas. Neles, quaisquer pontos podem se conectar, de forma que a análise da rede-rizoma desloca-se dos pontos para a relação entre eles (incluindo-os), de modo que se um desenho de rede se estabelece é mais uma marca em um plano de consistência que reconhece as suas linhas de fuga, de maneira que a rede pode operar atenta a rompimentos nestas linhas para se refazer remetendo-se a elas mesmas.

A cada movimento, novas composições. Cada nova relação que fazemos, um mundo de possíveis que se abre e que pede acolhimento e envolvimento para que possa ser desenvolvido. Sabendo que a efetuação de possíveis é, ao mesmo tempo, um processo imprevisível, aberto e arriscado. Não podemos nos furtar a este desafio. Nosso trabalho é vital e diz respeito às obras inerentes à viagem que é a nossa vida.

**Palabras clave:** democracia institucional, redes de saúde, gestão em saúde, produção do comum, rizoma